

## O abismo da misericórdia

Notas da assembleia da comunidade de Brasília com Marco Montrasi (Bracco), responsável do Movimento no Brasil, e Patrícia Almeida, responsável regional.

**Patrícia.** Faz tempo que não fazemos Assembleia, e propusemos uma pergunta para hoje, que é sobre o trabalho da Escola de Comunidade que estamos fazendo sobre o livrinho dos Exercícios da Fraternidade. Pusemo-nos como trabalho responder: como é que essa frase de Jesus dita a Marta (“Só uma coisa é necessária”) hoje nos provoca, ou fere, feriu, tocou ou educou na vida, nesse período? Vamos aproveitar a presença do Bracco, para que ele possa também nos ajudar a aprofundar e dar passos nessa nossa experiência.

**Bracco.** Primeiro eu quero dizer uma coisa. Não sei há quanto tempo vocês não se encontram nesse formato, talvez três anos. Muitos de vocês eu nem conhecia, nos conhecemos hoje. Eu sempre aprendi isso nos últimos tempos: aproveitar cada instante em que possamos nos encontrar, porque não é óbvio. Então, é importante estarmos inteiros, estarmos com toda nossa humanidade aqui. Se Cristo estivesse aqui, o que eu faria? Eu quero aproveitar desta hora com vocês para estar aqui todo inteiro, 100%, com toda a minha urgência de humanidade, de desejo daquilo de que eu mais preciso. Senão, nós estamos aqui perdendo tempo, porque podemos passar um dia juntos, bem bonito, com sol, churrasco, mas vamos para casa e fica a mesma coisa, mais ou menos. Eu não estou aqui por isso, não. Estou aqui para encontrar cada um de vocês e estar aqui com nosso desejo mais vivo de viver, de não perder um instante da vida. Então, podem fazer quaisquer perguntas que tenham, ou queiram contar, ou compartilhar, que sentem desejo de compartilhar com alguém, sem vergonha, sem pressa, sem medo. Vamos aproveitar.

**Participante.** Eu vivo me fazendo essa pergunta, pondo-me no lugar de Marta. Principalmente no tempo mais crítico da pandemia, em que ficamos muito tempo sem nos encontrar presencialmente, eu entendi como é fácil se perder. Você se perde, se fica muito tempo sem ir à missa presencial, sem fazer Escola de Comunidade presencial. E nas últimas semanas eu estava com desejo de encontrar mesmo as pessoas. E olhando a fundo isso, eu entendi que nos distraímos muito, seja pelo próprio fato da pandemia em si, a distância... Mas também as coisas para fazer, o trabalho e também as nossas próprias questões, nossa inquietação; também essas coisas são uma distração. E aí eu entendi que a minha necessidade era uma necessidade d’Ele, de Cristo. E aconteceu um fato que me provocou a fazer uma confissão. Já tinha muito tempo que eu não me confessava, e aí eu resolvi fazer uma confissão geral. Eu fiz o exame de consciência e resolvi confessar tudo. Porque eu li uma vez que Dom Giussani, falando sobre o Sacramento da Confissão, disse que quando vamos nos confessar estamos pedindo que Cristo venha, apesar do meu próprio mal. Então eu me coloquei com essa consciência, com um pedido, quer dizer, foi um pedido de Cristo. E quando eu cheguei aqui e vi todo mundo, entendi que depois desses meses todos, mais de dois anos, é como se fosse um inverno, e é como se estivéssemos numa primavera. Ou seja, o fato de nós estarmos aqui, como o Bracco disse, não é óbvio, é um sinal, para mim, pelo menos, da presença do Senhor ressuscitado. Porque eu pedi, nesta semana: “Senhor, eu sou como São Tomé, quero ver para crer. Eu quero colocar o meu dedo na Tua ferida, mas na Tua ferida ressuscitada”; porque a ferida em que Tomé colocou o dedo não era a ferida lá da Cruz, que está morta, era a ferida ressuscitada. E é impressionante que, a marca da

ferida está mesmo em Cristo ressuscitado. Então eu disse: “Senhor, eu quero Te ver, quero colocar o dedo nessa ferida ressuscitada”. Não é só uma ferida, é uma ferida ressuscitada. Eu quero que o Senhor venha até mim, igual a como veio a Pedro, que ficou a noite toda ali pescando, e não pescou nada... E depois ali na margem disse: “É o Senhor”, e largou tudo e foi, estava nu mesmo e disse: “Eu quero isso”. Ver todo mundo aqui, da forma como estamos aqui, me faz dizer hoje, agora: “É o Senhor”.

**Participante.** Quando fizemos o Retiro, acho que muitos de nós nos vimos em Marta. Eu me vi demais em Marta. E estes dias estou com a grande pergunta: “Beleza, só uma coisa é necessária, Jesus disse: ‘Olha, Marta, só uma coisa é necessária’. Mas como fazemos para ordenar o coração?” Porque temos que ordenar, a ponto d’Ele gritar: “Marta, Marta! Só uma coisa é necessária”... para que Jesus possa fazer com você o que fez com ela. Eu tenho esta pergunta: como é que fazemos para ordenar o coração? Porque eu estou precisando de ordem.

**Participante.** Acho que fazemos uma confusão, achando que temos de ser como Marta ou Maria. Mas não é bem isso. Acho que a provocação da Escola de Comunidade não é identificar-se com uma outra personagem. Eu me vejo muito na pessoa de Marta, mas eu queria me parecer mais com Maria, que é mais voltada para a oração, mais voltada para a contemplação. Então, aproveitando a pergunta anterior, como fazemos para nos encontrar diante do turbilhão de coisas, de perguntas, de sentimentos, de dúvidas, de timidez, de insegurança? De fato, quando somos muito Marta, temos dificuldade de olhar para o outro lado. Ou o contrário, quando somos aquela pessoa que fica mais recolhida. Mas acho que a pergunta não é identificar-se com uma ou outra personagem, mas nos vermos a nós mesmos. Então por isso queria agradecer a pergunta.

**Participante.** Tenho uma pergunta que estive no meu coração esses dias, quando estava trabalhando o texto, que depois de Marta fala também de Pedro. E depois diz que Pedro se deu conta de ter traído Jesus. Diz assim no texto: “O que o Ressuscitado vai propor a Pedro, a fim de conduzi-lo a uma identificação com ele, tamanha, que ele será capaz de curar os doentes só com sua sombra? Tudo está resumindo e condensando no último diálogo entre Jesus e Pedro no Evangelho de João. E esse diálogo está todo resumido em duas palavras de Jesus: ‘Tu me amas? Segue-me’. É seguindo com amor o Cristo presente, que o encontro com Ele cresce, nos faz crescer, torna-se fecundo”. O que eu queria lhe pedir, Bracco, é uma ajuda para retomar essa coisa do seguir. Porque eu, que desejo responder ao chamado de Jesus, como é que – talvez um pouco como ela contou antes – ordeno meu coração para esse seguimento? Essa é a provocação que está em mim estes dias.

**Participante.** Tenho uma pergunta também. Ultimamente andei pensando sobre a família e vejo que as coisas acontecem na minha vida, coisas muito boas. Mas eu começo a ver também que, à medida que as coisas acontecem, me vem surgindo também outra pergunta, no sentido de dizer: “Olha, legal, ótimo, você queria isso, agora você tem. Conseguiu. Você queria aquilo, agora também conseguiu. Você queria uma terceira coisa, também conseguiu. Mas e aí? O meu valor está nisso? Está no que consegui? Parabéns, você conseguiu tudo o que diziam que você deveria conseguir, mas e aí? Antes você valia menos, agora vale mais?” Onde está meu valor? Quero tentar entender. O meu valor, eu sei que não está no que eu acho que deveria ter, ou que tenho, mas quero tentar entender onde está o meu verdadeiro valor. Essa é uma coisa que eu tenho pensado muito, queria entender um pouco melhor.

**Bracco.** Eu fiquei marcado com um trecho no texto que diz assim: “O que define o verdadeiro encontro com Cristo”. Quem lembra o que define o verdadeiro encontro com Cristo?

**Participante.** É a amizade.

**Bracco.** Não é. Isso é depois. Há uma coisa que vem antes. Sim, tem que pensar. Cada um, na própria experiência, pense num encontro que revolucionou a vida: por que esse encontro foi tão revolucionário? O que aconteceu em mim? Porque não é óbvio que seja Cristo. Por que foi tão revolucionário esse encontro? O que gerou em mim esse encontro, a ponto de eu ficar falando de um cara que nem vi. Vocês viram Jesus?

**Participante.** É porque eu encontrei o que eu sempre busquei na minha vida inteira. Encontrei o que correspondia às perguntas que eu carregava a minha vida inteira.

**Bracco.** E como você conseguiu chegar a essa conclusão? Por quê? O que você percebeu em você? Estou tentando fazer essa pergunta porque assim identificamos o ponto que está escrito aqui. Porque depois cada um vai lá buscar no texto e vai lembrar.

**Participante.** Porque eu senti uma felicidade que eu desejava, que eu nunca tinha conseguido sentir. Eu percebi, sem ninguém me dizer, que tinha encontrado o lugar da minha vida, que era da minha vida toda. Eu percebi, sem ninguém falar, que era acolhida como eu era, e sem julgamento nenhum sobre a minha pessoa. Eu entendi, pela primeira vez na vida, que tinha encontrado o lugar de onde nunca queria sair. Porque tudo na minha vida até aquele momento tinha sido passageiro. E a grande pergunta que eu carregava era: será que, um dia, vou encontrar alguma coisa que seja para a vida toda? Porque eu não aguentava mais coisas passageiras. Eu não aguentava mais. Eu não aguentava mais viver sem amigos. E aí tudo veio dentro de um pacote. E só depois... Só depois, não foi antes.

**Bracco.** Só depois você dá o nome. Você depois vai atrás? Quem gerou em mim essa coisa? Mas o que vem antes é essa coisa! E aqui diz assim: “O Evangelho descreve, no diálogo entre Marta e Jesus, esse salto de consciência que define o verdadeiro encontro”. Então, o que define o verdadeiro, é isso que temos que identificar. Porque depois você dá o nome do que é. Mas o que define um verdadeiro encontro é um salto da consciência. Por exemplo, você chegou aqui, era uma, e vai embora como uma “mais”. Já aconteceu essa experiência? Eu chego num lugar, sou eu; eu vou embora, e sou um eu a “mais”. Como se tivesse acontecido alguma coisa e sou “mais eu”. O salto da consciência. O dia que eu me lembro, do encontro que eu fiz, eu não sabia quem era! Só sei que voltei para casa e minha mãe – que era sempre minha mãe, a mãe de um adolescente – estava cozinhando. Eu chegava em casa e tinha o cheiro de comida, que para mim era o sinal da extrema tristeza absoluta, me dava depressão, aquele cheiro. Mas eu voltei para casa e aquele cheiro não me dava mais depressão, era outra coisa! Mas não é que mudou o cheiro e se tornou um cheiro de couve-flor bom. Era eu que tinha mudado. Um salto da consciência. Acontece alguma coisa com você e a realidade lhe fala mais. Você vê mais, é como se os seus olhos comessem a enxergar mais, a ver coisas que você não enxergava. Por isso que, quando acontece isso, nós temos que guardar isso. Nem dar logo o nome de quem é, mas você precisa ir atrás de quem lhe deu essa experiência. É isso que identifica um verdadeiro encontro. Nem digo que seja

Cristo. Cada um vai atrás. Porque aqui tem muitos jovens que nem sei se fizeram um encontro. Cada um sabe. Ou a gente fez um encontro e já esqueceu quem é essa pessoa. Porque o encontro de alguns anos atrás, temos que refazer. Não adianta ter feito isso. Esse salto de consciência, não adianta ter feito dez anos atrás, vinte anos atrás. Eu quero isso agora, é dessa saudade que eu vivo. A saudade dos Apóstolos era ir todo dia encontrar Ele, por quê? Porque estavam com saudade, não do rosto de Jesus: estavam com saudade desse salto de consciência. Porque se tem alguém que me proporciona isso, eu não posso ficar longe. Não posso ficar longe de uma realidade que me proporciona essa experiência. E depois eu fui atrás, e entendi, juntando os pontos, que era um nome que eu estava atrás. Não era possível que fosse uma fábula, não era possível que fosse uma coisa abstrata. Porque aquela experiência que eu tinha lido, de Marta, de Maria, de Zaquêu, era aquela que eu estava fazendo; e você junta os pontos. Então você vai atrás disso: um salto de consciência. Então, pode refazer a sua pergunta?

**Participante.** Onde está o meu valor? Porque eu tenho certeza de que meu valor não está no que eu consigo ou deixo de conseguir.

**Bracco.** Ouvindo isso, eu pensei: quando eu percebi o meu valor? Quando eu encontrei uma realidade, ou um lugar, etc., que quando me proporcionou essa experiência desse salto de consciência, eu percebi que é nisso que está meu valor? O seu valor o que é? É quando você diz “Eu” de uma forma em que você não depende de ninguém. Então, quando você encontra alguém, um lugar... Para mim aconteceu assim: que começou a me proporcionar essa consciência, esse salto de consciência; eu percebi que isso coincidia com o meu valor. Porque o meu valor é onde você faz uma experiência que lhe faz chegar a dizer o teu “eu” de uma forma que antes você não tinha feito, nunca. E isso te deixa livre, livre de todas as coisas onde temos que trabalhar, porque nós temos que ser medidos todos os dias. Cada um, um pouco mais, um pouco menos. Mas na faculdade você é medido, tem que fazer a prova... Depois da faculdade está no trabalho, tem que fechar projeto, tem que dar resultado. Nós vivemos numa horizontalidade, onde vivemos nesse mundo. Esse mundo tem dinâmicas que te medem. Só que aconteceu uma coisa que é uma verticalidade. Dentro desse mundo, onde todo mundo é medido – parece que o seu valor é o quanto você responde – aconteceu uma coisa que tem um outro critério. Essa é a graça maior que pode acontecer. Que aconteceu, uma coisa que me deu um outro critério para medir o meu valor. E isso lhe dá a liberdade de você viver nessa horizontalidade, onde você é medida, mas livre. Livre. Eu recebia notas na faculdade que não eram das melhores; podia estudar muito mais, mas não era... Chegava sempre onde precisava passar e passava. Não dava muito mais do que isso. Depois eu pensei, quando fui trabalhar: “Poderia ter estudado mais”. Mas ter encontrado isso que eu encontrei me tornou livre, livre para viver num mundo onde alguém te mede. Não podemos pensar em criar um mundo, por enquanto, onde você responde assim. Mas o problema é que acontece alguma coisa que eu encontrei, que nós encontramos, que me deixa livre para viver nesse mundo do trabalho, por exemplo. Eu trabalho na área comercial, sou responsável comercial. Tenho meta todos os meses, vivo muita pressão; quero fechar contrato, eu quero fechar um bom contrato, quero fazer um bom projeto. Tem vezes que eu perco, tem vezes que eu ganho. Mas perder e ganhar não vai tocar no meu valor. O que acontece me provoca, porque cada vez que você perde uma coisa, ou eu perco, todo mundo me olha como alguém que perdeu. Mas eu volto para lá e digo: “Mas esse aqui é meu valor”. Eu sou como que obrigado, todas as vezes, a fazer esse trabalho. Mas isso é fantástico, porque é uma verificação contínua de quem me liberta. Se existe de verdade alguém que me liberta.

**Participante.** O dinheiro que ganhamos ou a quantidade de certificado que temos ou deixamos de ter, fica uma pressão insuportável, fica algo pelo qual nem eu me aguento.

**Bracco.** Então: não é que não tem que procurar fazer as coisas bem, ou boas, ou mais próximo do que de mais bonito se pode fazer. Mas é uma outra coisa fazer isso por alguém, e para chegar aos padrões que os outros querem. Entende? É isso que eu vi, que foi prometido numa experiência assim. Onde alguém me proporcionou um salto da consciência. Aquilo que nós, de que eu posso estar mais agradecido por esse salto de consciência, porque sou eu, frágil, eu que faço besteira, eu que sou pecador, mas sou um outro eu. Me acontece alguma coisa, hoje, com vocês, não porque eu tenho alguma coisa a mais, mas é algo que me torna um outro eu. E quando acontece isso, você vai embora mais livre.

**Participante.** Eu sou dona de casa, então umas semanas antes, com meu marido, nos perguntamos como vamos mandar nossos filhos para as férias dos Colegiais com tudo apertado, pois não está dando nem para pagar as contas! E ficamos martelando, pensando em como poderíamos fazer. E nós temos dois na faixa etária de Colegiais. Então eu pensei: vamos mandar o mais velho, porque ano que vem ele já sai, então ele vai para se despedir desse período. E o do meio disse assim: “Mas, mãe, eu queria tanto ir!” Então eu coloquei isso diante de Deus: “Olha, Senhor, se for da Tua vontade essas crianças irem, vai aparecer uma luz”. E aí eu já estava martelando o que eu poderia fazer, e uma das mães me disse: “Faz uma cesta de chocolate, faz uma rifa, alguma coisa, vamos encontrar meios para que eles possam ir”. Porque dois é pesado para bancar. Voltei para casa e, conversando com um amigo, ele e sua família resolveram ajudar. E as coisas foram se esclarecendo. Tinha ainda a macarronada, que era para ajudar a quem ainda precisava de dinheiro, e me prontifiquei a ficar na cozinha. E nessa semana, justamente foi o Evangelho de Marta e Maria, e eu pensava: quem me conhece, sabe que não paro, sou pau para toda obra. Então, na semana em que ia ser a macarronada, minha tia teve um problema de coração. E fiquei nessa tensão toda. No sábado fui fazer as compras e não fiquei sabendo da minha tia, se tinha internado, o que ela tinha, então era uma cabeça cá e outra lá. E quando chegou o domingo, dia da macarronada, fui lá ajudar, E no final, quando estávamos começando a lavar as coisas para fechar a cozinha e passar à frente, minha coluna travou. E eu pensei: “Senhor! O que eu posso fazer nessa hora?” Parada, ficar parada aqui. Isso aparece para pensar no eu. Porque ficamos pensando no outro, no outro, me acabando de trabalhar. Preciso pensar em mim também. E minha coluna travou, e não terminei o serviço com as meninas. Em seguida foi a semana de arrumar as malas; dei graças a Deus porque conseguimos mandá-los.

**Bracco.** Eu agradeço, porque isso que você disse é quando alguém vê aquilo que dissemos antes. Como vocês tiveram que entrar dentro da carne, porque pegou as contas da casa. Para ver o que vale mais, como para Marta. Foi o que Jesus disse: Maria pegou a parte melhor, que não lhe será tirada. Então, quando vemos isso nas nossas coisas é a maior verificação que podemos fazer. Porque Ele começou a se tornar a coisa mais importante da nossa vida; quando pensamos nos filhos... Porque eles têm que fazer um encontro, não vamos poder produzir para eles. Quando encontramos uma coisa que revolucionou minha vida, não é automático que eu os mande para umas férias e eles façam um encontro. Eu tenho que deixá-los... para acontecer essa faísca para eles também. E quanto mais liberdade eu dou, mais é possível que eles façam. Esse é um

desafio enorme, porque você queria reproduzir tudo. Se eu pudesse programar tudo para que acontecesse a faísca, a gente faria. Mas não aconteceu assim para nós. Precisa acontecer um amor louco da vida. Mas um contexto assim, umas férias, nós sabemos como pode acontecer isso. Porque na nossa companhia aconteceu isso. E outra coisa que você disse, do carisma, eu aprendi uma coisa nesse tempo, em que foi pedida uma coisa pela Igreja; uma coisa específica, foi também uma coisa que pediu um sacrifício, uma grande mudança para nós. É como se a Igreja tivesse pedido: o carisma não é mais só de vocês; não é mais do nosso grupo aqui, de Brasília. O carisma de vocês é para a Igreja. Então a Igreja nos disse, através do Papa: “Eu vou pedir isso a vocês, não para limitar vocês dentro da vida do carisma, mas para que tomem consciência de que isso é para a Igreja toda”. Por isso as mudanças que foram pedidas. As modalidades de eleição que temos que ver, para pensar nos próximos responsáveis. Tudo para que cada um de nós, pessoalmente, tome mais consciência do que recebemos. Que cada um de nós possa depois responder com a própria vida quem é esse Cristo que eu encontrei dentro desse caminho; quem o Senhor me deu agora, e me dá, que está vivendo mais isso e que pode se tornar um ponto para todo mundo olhar. E cada um de nós agora será mais responsabilizado. Porque antes nós estávamos seguindo um caminho em que chegava alguém mais ou menos indicando pessoas. Por quê? Porque é como uma criança, os movimentos cresceram como uma criança, e a mãe, a um certo ponto, diz: “Agora que você está maior, agora vamos ter que fazer assim, desse jeito, para dar uma forma, uma estrutura”. Também os movimentos cresceram e chegou um momento na história em que o Papa e a Igreja decidiram – não para limitar, mas para potencializar o carisma e a liberdade do carisma, a nossa liberdade. Não é uma limitação da liberdade. Se impuseram a mim, responsável, o limite de dez anos, não é para me limitar: “Agora o Bracco tem que sair, ponto”. “Ah, eu queria ficar um pouquinho mais”. Não, é para mim! É uma coisa boa para mim, que não fique governado uma coisa para mais de dez anos. É bom para mim, é bom para vocês. Você olhar um cara responsável por 40 anos, você olha sempre como responsável. E eu, ser olhado sempre como responsável por 40 anos... você pira da cabeça. É bom estar com o pé no chão. Seja para quem terá o poder – porque tem um poder, de alguma forma – e seja para quem tem que seguir. Eu comecei a ver essas coisas como muito boas para nós. Não é que “tiraram o Carrón de nós”. Claro que aconteceu de formas que nos deixam um pouco perturbados, não é tudo lindo. Há uma certa dramaticidade. Mas cada vez mais eu estou vendo se somos dóceis e se obedecemos. E isso é para nós, é para o Movimento. É para nós termos mais consciência, e para que isso seja para todo mundo: como poder reconhecer Cristo vivo, hoje. Não só para nós: para a Igreja toda. E isso não é só para o Movimento, é para todos os carismas que estão fazendo esse caminho. E obedecendo, se aprende. Obedecer com docilidade significa não como um idiota: obedecendo, pedindo uma abertura. Uma abertura. É um sim que você talvez fala antes de entender. Mas com essa abertura, depois te entra alguma coisa e você começa a entender. Então esse é um momento de graça que temos, também com todas as mudanças que estamos vendo dentro do Movimento. Temos que não ter medo, ter muita esperança, muita confiança.

**Participante.** A história da Marta me provoca muito. Eu me identificava muito com ela, mas a coisa que mais me provoca é que depois do chamado de atenção de Cristo, ela fica calada e volta para os afazeres dela. Ela deixa se provocar pelo que Cristo tinha dito para ela. E como eu tenho dificuldade de fazer isso! Porque, diante de um chamado de atenção, normalmente eu não me calo e me deixo ser guiada por aquilo, eu fico como uma vespinha debatendo. Pensei que, se Cristo me dissesse aquilo, provavelmente, por ímpeto e por impulso também, eu o questionaria, eu não ficaria calada e acolheria o que

Ele tinha me dito. E me causou muita dor identificar isso, porque, para Marta, foi fundamental esse silêncio dela. Foi fundamental que ela tenha se deixado ser trabalhada pelo que Cristo tinha dito. E na vida acontece isso o tempo inteiro. Na vida, o tempo inteiro Cristo nos diz: “Olha só para essa coisa necessária”. E na vida eu não me calo diante desses chamados de atenção, geralmente eu fico me questionando. Não sei se é por uma falta de pobreza, de acolher aquela coisa, ou por ser mesquinha, nesse sentido de ficar tentando buscar a razão daquilo. Ao mesmo tempo me causa dor perceber que eu não tenho isso. Como eu posso conseguir – conseguir, não ser –, mas como posso ter a consciência desse silêncio, de me deixar ser trabalhada?

**Bracco.** Mas tem uma posição que ele não fala que Jesus diz uma coisa e ela fica calada, vai embora e tudo bem. Ela ficou muito braba. Então eu aprendi também que precisa de toda a nossa humanidade para que possamos entender. Nossa humanidade significa também às vezes ficar questionando. O problema é como você questiona. Me aconteceu muitas vezes de dizer: “Não, mas eu não entendi isso”, para quem eu estava seguindo. “Eu não entendi isso”. Eu ia embora. “Não entendi também, ainda não entendi”. O problema é se, dentro de você, a última palavra é sua, você está mais apegada à sua palavra, ou está mais apegada àquelas presenças que estão dizendo isso. Esse é o ponto. Porque você pode brigar com Deus. O problema é se você está mais apegada à sua posição ou se está certa de que Ele lhe proporcionou aquele salto de consciência. “Quem me proporcionou essa experiência? Onde eu vivi esse salto de minha consciência? Que eu era eu, eu era o Bracco, mas era mais eu”. Não tem coisa mais bonita que lhe possa acontecer, de você perceber que você é “eu”, mas é “mais eu”. Você é você, com todos os seus limites dele, mas você não pode não reconhecer que é “mais você”. Essas duas coisas juntas são as coisas que mais testemunham um milagre. Porque você não vai embora como um anjo, com auréola. Não, você continua você, com as suas limitações e você sabe muito bem. Quem está ao redor de você, diz: “Nossa, você fala muito, mas olha o que você fez de errado”. E você reconhece isso! Diz: “Nossa, é verdade!” Mas eu não sou mais eu; eu sou um outro. Isso é incomparável, a experiência que lhe dá... porque o que aconteceu é uma coisa que não depende de você. Se dependesse de você, não teria essa potência! Mas continuando nos seus limites e mudando você, dá uma prova de que não é você que se muda, é um outro. E isso lhe dá muita liberdade. Porque eu não sou capaz de me mudar sempre: é um outro que muda. Então se eu ficar agarrado nele, eu vou poder mudar. Se eu volto para Ele, Ele vai poder me mudar. Me dá muito mais liberdade. Então, quando eu tenho uma presença assim, isso... lhe dá como mais paz, que você pode continuar a ser quem você conhece. Tem uma coisa que eu achei fantástico, quando fala sobre “o abismo chama o abismo”, que é um salmo. Um abismo chama outro abismo. Ele diz isso, por quê? Porque o abismo é como se fosse a imagem aparentemente negativa, porque o abismo dá uma imagem de uma coisa que dá medo, mas é uma coisa infinita. É como aquele buraco sem fim, de que você não vê o fim. É como se chamasse essa ideia de uma coisa infinita, uma coisa que não tem fim. Ele diz: A misericórdia, a experiência da misericórdia é um abismo, é uma coisa sem fim. Não é só perdoar: “Você fez três pecados? Ah, lhe perdoe três pecados”. Aí vai, faz o cheque: “Você, três. Tá bom, vai embora, agora está liberada”. Não, é um abismo. É um abismo, é como se você vê lá, para limpar uma manchinha ele chega com uma cachoeira de coisas espetaculares e depois se vai embora voando, como na primeira confissão, né? Eu me lembro isso, como foi a primeira confissão. Eu estava voando, era criança. A misericórdia é um abismo, que derruba você. De tanto... não é limpar as manchas, a confissão. É alguém que o faz novo, que faz tudo de novo. Você está despedaçado, mas um abismo de

misericórdia precisa de um outro abismo. Não é abismo da sua preparação à confissão. Não é esse abismo. Precisa do abismo da sua humanidade quebrada, nojenta, que você quer esconder, você nem consegue olhar. Para o abismo da misericórdia preencher você, e você explodir de alegria. Porque a explosão de alegria é quando uma coisa lhe corresponde totalmente. Então significa que o abismo de misericórdia precisa entrar num outro abismo, que é o abismo da minha miséria. Se eu vou lá com a miséria pela metade, se vou lá com uma tampinha em cima, se eu vou lá tampando alguma coisa porque estou com vergonha, não vou fazer a experiência desse abismo que entra em mim. É como se fosse um copinho de cachaça. Ele quer chegar com uma cachoeira de cachaça [risos] e você vai lá com um copinho pequeno. E outro chega lá com um barril. Quem faz a experiência de ser mais correspondido? Então, nós às vezes tampamos a nossa humanidade. Nós não a educamos, nós temos medo da nossa humanidade. Então ele chega com uma cachoeira de misericórdia e nós vamos lá com um copinho de cachaça. Entende? Então por isso precisamos ser nós mesmos. Nós mesmos, como somos, com tudo o que somos. Quando vamos nos confessar e quando vivemos. Porque só assim que um abismo chama outro abismo. Seu vou lá com um “abisminho”, o outro abismo... não vou entender. Por isso os fariseus: eles sabiam tudo! Eram como se fosse um barril de todo conhecimento, com a tampa em cima. Chegava Jesus e eles não eram preenchidos por nada. Aí, quem aproveitou mais de Jesus, no Evangelho? Todos os mais “estragados”: a Madalena, Zaqueu, a prostituta, o cobrador de impostos mafioso... Por quê? Porque aí foi um abismo que atraiu outro abismo. Aqui tem muitos que foram nas férias dos colegiais. Querem contar algo?

**Participante.** O passeio das férias dos Colegiais foi incrível, tivemos que ficar em fila indiana, caladinhos, mas deu uma sensação muito boa de solidão, não dava para conversar com ninguém, mas foi bom. Chegando lá, foi melhor ainda, não tinha lugar de sombra, o pessoal estava cansado, mas foi bom, teve também um testemunho do pessoal de Petrópolis.

**Participante.** O que mais me marcou do testemunho foi quando falou do rio. Eu chorei. Tinha perguntas, todo mundo tinha que responder. A primeira coisa que foram dizer foi difícil. Todas as palavras que ela disse lá... Nem lembro direito, ela falou do silêncio... Aí eu chorei e tive que sair. Foi um momento muito marcante porque chorar na frente dos outros, acho muito difícil. Aí eu chorei. Na hora da despedida também, nós fizemos amizades muito boas.

**Participante.** Nas férias eu me senti amada de verdade. Foi muito legal.

**Bracco.** Mas isso é o que dissemos ontem. Vocês, agora, têm que começar a lembrar, que dentro de tantas experiências, talvez tenha alguma coisa que marcaram mais vocês, como aquele salto de consciência. Você era uma, mas aconteceu alguma coisa que fez você ser mais você. E quando acontece isso... Hoje em dia, nós acordamos de manhã e entramos, sem saber, dentro de um rio que é contra isso. Nós vivemos num mundo entre os celulares, videogames, escola, atividades que tendem a fazer com que não pensemos. Amanhã vocês terão uma experiência que tende a fazer você esquecer tudo isto. Então se vocês não ficam agarrados e tentam lembrar, mas tem que lembrar da experiência que vocês fizeram: que você era uma, e se tornou mais você. Não esqueça isso. Porque isso aqui vale a vida. Vale a vida. E outra coisa, é a coisa que vai lhe permitir combater contra esse rio em que nós estamos todos os dias, e que tenta fazer você esquecer disso. “Foi bonito, mas agora temos que fazer outras coisas”. Não: cuidem da amizade de



vocês para não perder isso. E isso com a ajuda da Ana Maria e de outros que estão aqui também.

**Participante.** Então a primeira pergunta foi: qual é o grito que você está segurando no seu coração, que quer sair do seu coração? Que grito seu é esse? A segunda pergunta foi: qual a experiência das férias dos Colegiais que eu vou levar para mim, para minha vida, seguindo minha vida? E a última foi: se Cristo, nessas férias e na sua vida, se tornou o centro afetivo. E o por quê Ele se tornou esse centro afetivo. Eu não sei se consegui responder... consegui me soltar, conhecer as pessoas, falar mais da minha vida... E as pessoas que eu conheço, falar mais com elas. A minha experiência é poder... A pergunta se Cristo se tornou o centro afetivo, eu coloquei: sim; porque sem Ele estar no centro da nossa afeição, não teríamos a oportunidade de estarmos juntos.

**Participante.** Na primeira vez, o Padre Ignazio nos provocou com o silêncio. Toda vez batia na mesma tecla: o silêncio, silêncio durante as músicas, o silêncio durante as apresentações, as missas, a caminhada... E foi algo chato, porque era difícil de entender. Na caminhada: “Silêncio, olha a vista”. Era algo difícil... ouvia pessoas conversando atrás. E depois da caminhada, apesar de cansativa, o pessoal de Petrópolis, onde no início do ano aconteceram chuvas, que foram desastrosas, eles viveram essa experiência de fato, e eles foram contar a experiência. E foi lá que fez o maior silêncio. Ninguém escutava mais ninguém. Era só a pessoa e sua dor. Todos sentiam, tentavam acolher tudo que eles falavam para si mesmos. Porque, como padre Ignazio disse, “nós estamos em silêncio nos conectando não só com Cristo, mas com nós mesmos”. Então foi isso o que mais me marcou, porque naquele momento todos se conectaram consigo. A menina de Petrópolis, que teve medo de perder familiares, disse: “Foi preciso um desastre para eu dizer que amo meu pai”. Então isso me chocou muito, porque é algo que sai do nosso cotidiano. Quando tudo fica em silêncio, tudo faz com que nós pensemos em nós mesmos, na nossa vida.

**Participante.** Quero falar da experiência que eu fiz na “serrinha”. Subimos, e demorou muito, foi cansativo. E ainda fui carregar uma mochila... No início estava uma confusão total, mas numa parte o padre parou todo mundo e mandou fazermos fila e ficarmos em silêncio. Mas teve uma hora em que eu tive que parar e fiquei para trás. Um grupo não calava a boca, e nisso eu percebi que, quando você faz as coisas errado, não vale a pena, você não aproveita o momento; quando eu estava lá caladinho, estava muito melhor, porque eu estava observando as coisas em volta, estava legal, conseguia entrar no clima. É bom quando tem pessoas que te ajudam.

*(Notas não revistas pelos autores)*